

HOMOEROTISMO E TRADUÇÃO CULTURAL NA OBRA DE SAMUEL STEWARD

Prof. Dr. Adail Sebastião Rodrigues-Júnior¹ (UFOP)

Resumo:

Neste artigo, pretendo explorar as relações culturais entre o gaynismo norte-americano, com ênfase em um conto da coletânea de contos intitulada *Stud*, de autoria de Samuel Steward, que discute questões étnicas e homoeróticas, em relação com sua tradução brasileira na coletânea de contos intitulada *As Aventuras de um Garoto de Programa*. O foco centra-se nas distinções culturais entre as décadas de 1960 no contexto norte-americano, e de 1990, no Brasil. Pretendo ainda salientar que a tradução revela-se uma estratégia de desguetificação gay, ou seja, busca pela notoriedade por meio do abandono do confinamento espacial e social dos gays (negros) em locais privados.

Palavras-chave: tradução; literatura homoerótica; comunidade; estudos gay

... pensamos na figura de *adé*, que na tradução da língua *yorubá* significa homossexual masculino. Nesta lógica formal, o termo *adé* ganha forma popular pela sua extensão sincrética, que se metamorfoseia entre gênero e etnia: da cultura africana às comunidades gays brasileiras, ao anunciar uma discursividade híbrida.

Rick Santos e Wilton Garcia, *A escrita de adé*, p. 11-12.

Introdução

Samuel Steward lançou, em 1966, no contexto norte-americano, a primeira edição de sua coletânea de contos homoeróticos intitulada *Stud*. Nessa obra, Steward salienta a boemia e a prostituição do homossexual masculino, dando ênfase à cultura do gueto. Nessa mesma década, práticas sociais homoeróticas tiveram como *locus* de manifestações o bar gay *Stonewall Inn*, com clientela variada, desde *street queens* até moradores do luxuoso *East Side* de Nova Iorque. É nesse cenário cultural que a obra *Stud* surge, pouco antes da batida policial no referido bar gay, em 1969, que levou à prisão de seus proprietários e às ações de homofobia por parte dos policiais. Após um ano, nasce a primeira manifestação do *Gay Pride*, por meio da qual as minorias gays vêm a público e se tornam notícia (Berutti, 2002). Mais de trinta anos depois do lançamento de *Stud* nos EUA, surge, em 1998, sua tradução no Brasil. Nessa década, diversas ONGs e grupos ativistas realizavam campanhas contra o vírus HIV (Figari, 2007), inicialmente denominado, de forma preconceituosa, como “peste guei” (Trevisan, 2004), por ter-se disseminado primeiramente entre os homossexuais. Nesse sentido, o termo *gay* passou a ser sinônimo de abjeto, imundície, peste.

Levando em consideração esse cenário cultural, ao mesmo tempo binário e híbrido, em que representações do sujeito social homoerótico (Figari, 2007) perpassam as esferas transculturais do espaço e do tempo (Mignolo & Schiwy, 2003), pretendo explorar as relações culturais entre o *gaynismo* norte-americano, com ênfase em um conto da obra *Stud* que discute questões étnicas e homoeróticas, e sua tradução brasileira em *As Aventuras de um Garoto de Programa*. O foco centra-se nas distinções culturais entre as décadas de 1960 no contexto norte-americano, e de 1990, no Brasil. Pretendo ainda salientar que a tradução revela-se uma estratégia de ‘desguetificação gay’, ou seja,

busca pela notoriedade por meio do abandono do confinamento espacial e social dos *gays* (negros) em locais privados (Rodrigues-Júnior, 2006).

1 Estudos *gays*

Segundo Smith (1993), os anos 1960 e 1970 nos Estados Unidos se caracterizaram pelo fortalecimento de movimentos de minorias, dentre eles o feminismo, o racismo e, sobretudo, os movimentos *gays* e lésbicos. Estes últimos encontraram resistência acirrada de ações coletivas radicais e discriminatórias principalmente na década de 1960. Os movimentos sociais que ocorreram nesse período histórico norte-americano foram o ponto de partida para inúmeras manifestações e reivindicações de grupos minoritários por seus direitos, muitos dos quais iam de encontro às normas de conduta hegemônicas, estabelecidas pela ideologia política e social dos Estados Unidos. Conforme Berutti (2003, p. 23),

Os anos 1960 ficaram registrados como o período mais turbulento deste século nos Estados Unidos. Aquela década lançou questionamentos e desafios ao tão consagrado *American way of life* através de uma série de protestos contra o conformismo social, a segurança política e a prosperidade do pós-guerra.

Segundo Berutti (2002) e Facchini (2005), o marco na história dos movimentos *gays* e lésbicos dos Estados Unidos foi a batida policial no bar *Stonewall Inn*, em Greenwich Village, em Nova Iorque, onde vários *gays* e lésbicas foram rendidos por policiais e espancados. O referido bar havia se popularizado por diversos motivos, entre os quais se destacam (Berutti, 2002): (i) as batidas policiais eram menos freqüentes no *Stonewall* do que em outros bares *straight* (bares para heterossexuais), motivo que fez com que o bar passasse a ser um ponto seguro para encontros entre homossexuais masculinos e femininos; (ii) conseqüentemente, os *gays* e as lésbicas podiam dançar e namorar livremente; e, por último, (iii) a clientela do *Stonewall Inn* era variada, desde *street queens* (travestis que fazem programas) até os moradores do luxuoso East Side de Nova Iorque. O *Stonewall Inn* foi considerado, em 1966, um negócio extremamente lucrativo, uma vez que rendia mais de US\$ 5.000,00 por semana e mais de US\$ 6.500,00 aos sábados. Além disso, ocorriam transações ilegais no bar, desde prostituição masculina até tráfico de drogas e de armas de fogo. Em virtude dessas ações ilícitas, na noite de 27 de junho de 1969, o bar foi invadido por policiais, conforme informações do *Bureau of Alcohol, Tobacco and Firearms* (Batf) – Departamento de Álcool, Fumo e Armas de Fogo – acerca dessas práticas ilícitas que aconteciam no referido bar. Os policiais prenderam os proprietários do *Stonewall* e espancaram, violentamente, vários freqüentadores, numa mistura de injustiça e homofobia. A partir de então, o fato histórico acontecido no *Stonewall Inn* deu origem a várias manifestações de movimentos de minorias *gays* e lésbicas contra a homofobia e a discriminação. Após um ano, nasce a primeira manifestação do *Gay Pride*, por meio da qual as minorias vêm a público e se tornam notícia.

2 O corpus e sua contextualização

Nesse contexto de manifestações *gays*, Samuel Steward lança sua coletânea de contos intitulada *Stud*, que tem como protagonista e narrador-participante um michê *gay* que se aventura em várias situações eróticas com outros *gays*. Samuel Steward, Ph.D em Literatura Inglesa pela Ohio State University, com o pseudônimo de Phil Andros, inicia a escrita dessa coletânea com seu primeiro conto intitulado “The Poison Tree”, em agosto de 1963, publicado pela primeira vez na revista *amigo*, um periódico de estudos da linguagem inglesa e alemã de Copenhagen. Outros

contos da obra de Steward também apareceram na revista *Der Kreis* (O Círculo), em Zurique, e na revista *eos*, em Copenhague. Ao introduzir a obra de Steward, John Preston (1982) afirma que o autor inaugura sua carreira literária lançando-se num mercado editorial que se abria para esse tipo de “ficção adulta”. A primeira edição de *Stud* saiu em 1966, no contexto norte-americano, pela já extinta Guild Press Ltd., sendo reimpressa em 1982, pela Alyson Publication Inc., fundada em 1980. Essa Editora tem publicado livros para todos os tipos de leitores *gays*, desde adolescentes, *gays* e lésbicas balzaquianos, até filhos de casais homossexuais. A Alyson Publication tornou-se a Editora líder no mercado editorial norte-americano desse tipo de literatura, tendo reeditado todos os títulos da Guild Press Ltd. e lançado inúmeros outros no mercado dos Estados Unidos¹. Nesta pesquisa, investigo a reedição de 1982 de *Stud*.

A primeira edição da tradução para o português brasileiro de *Stud*, intitulada *As Aventuras de um Garoto de Programa*, pela Edições GLS de São Paulo, é lançada em 1998, num contexto social nacional em que os movimentos *gays* se fortaleciam e, conseqüentemente, criavam meios de expandir suas ideologias. A Edições GLS, lançada em 1998, durante a Bial do Livro de São Paulo, surgiu no mercado editorial nacional em pé de igualdade com as editoras Brasiliense e Record, consagradas como editoras que publicam literatura *homoerótica* (Revista Cult, 2003). Vista, atualmente, como a editora principal de obras literárias e não-literárias *gays* no Brasil, a Edições GLS tem expandido seu catálogo com a inserção de vários títulos, desde literatura até obras não-ficcionais e de auto-ajuda.

Uma das formas utilizadas para essa expansão foi a crescente venda de livros e revistas nacionais cujas temáticas e chamadas, respectivamente, apresentavam, declaradamente, a vida *gay* como estilo e prática social a caminho da legitimação. Trevisan (2004, p. 375-6) esclarece que, na década de 1990 no Brasil,

... nas grandes livrarias criaram-se seções especiais com livros de temática homossexual, sem falar da primeira livraria exclusivamente GLS do Brasil, a Futuro Infinito, em São Paulo, e das Edições GLS, editora especializada em livros de ficção e ensaio voltados para esse público.

Ademais, Facchini (2005, p. 174) acrescenta que

os anos 1990 assistiram a uma definitiva inserção dos homossexuais no mercado, com o surgimento de várias revistas, jornais, livrarias, editoras, agências de turismo, de namoro etc. especificamente orientados para o público homossexual e, também, de seções em grandes jornais, livrarias, editoras e agências de viagem.

Os anos 1990 no Brasil foram decisivos para a afirmação dos movimentos *gays* e lésbicos e para a visibilidade desses sujeitos como grupo social, sobretudo após o advento da AIDS e suas conseqüências desastrosas. Historiadores e cientistas sociais, como Berutti, Facchini, Trevisan e Figari, afirmam que a AIDS exerceu papel decisivo na redefinição do *gay* na sociedade brasileira, como elemento constitutivo e de pertencimento a essa sociedade, e integrante de uma comunidade (*gay*) que crescia, e continua crescendo, celeremente. Tal fato é bem ilustrado na afirmação de Facchini (2005, p. 167-8):

Para além de qualquer apoio oferecido pelo Ministério da Saúde [do Brasil], por meio do Programa Nacional de DST/Aids, seja na forma de recursos para o desenvolvimento de projetos financiados, seja na forma de incentivos à organização do movimento e ao seu engajamento na luta contra a epidemia, a Aids propiciou um debate social acerca da sexualidade e da

¹ Informações do site da Editora Alyson Publication Inc. <http://www.alyson.com/html/aboutalyson.html>.

homossexualidade, à qual foi associada, em particular. Sem dúvida, a epidemia da Aids, sua associação à homossexualidade, todo o debate que se deu neste sentido e os encaminhamentos das políticas públicas de saúde – visando promover ações de prevenção e cuidados que envolvessem a participação da ‘comunidade homossexual’ e/ou dos grupos/organizações do movimento – estão bastante ligados à própria viabilidade alcançada pela política de identidades homossexuais no Brasil.

Nesse contexto dos anos 1990, além da maior visibilidade social dos *gays* e lésbicas, outra forma de reafirmação dessas minorias, sobretudo a minoria de homossexuais masculinos, foi a crescente venda de livros literários que fizeram emergir o modo de vida *gay*, contribuindo para sua visibilidade social. Assim, uma das principais causas que me levou a investigar a obra *Stud* e sua tradução *As Aventuras de um Garoto de Programa* foi o lançamento do número 6 da Revista Cult, em fevereiro de 2003, cuja temática era “Literatura Gay: bandeira política ou gênero literário?”. Esse número problematizava o conceito de literatura *gay*, definindo-a como “uma vertente mais contemporânea, vinculada ao processo histórico de liberação *gay*, de conscientização *gay* (...); em suma, seria literatura homoerótica pós-68, pós-Stonewall” (Revista Cult, 2003, p. 48). Parece-me, então, que a primeira edição de *Stud*, em 1966, no contexto social norte-americano, teve, entre outras obras literárias que discutiam questões a respeito de minorais, um papel fundamental para a comunidade *gay* dos EUA, sobretudo como um dos instrumentos de afirmação do *gay* enquanto ator social reconhecido em sua comunidade. Harvey (2000, p. 139) explica essa questão afirmando que

‘a escrita *gay*’ é, talvez, acima de todas as outras, um gênero literário que explora os parâmetros da experiência *gay* a fim de *validar uma posição identitária* e criar um espaço interacional para a formulação e recepção de *vozes gays*. (Minha tradução; ênfases no original)

Além disso, houve igualmente uma crescente produção de obras literárias nessa linha temática, como explicita Young. Em seu artigo *The Paperback Explosion: how gay paperbacks changed America*², Young afirma que os movimentos *gays* nos Estados Unidos e na Inglaterra ocorreram paralelamente à explosão de lançamentos de livros nos mercados editoriais desses países, cujos temas tentavam legitimar a vida *gay* como estilo de vida não-estereotipado que buscava espaço social e visibilidade nesses contextos. A escrita *gay*, portanto, ganhou vulto nas culturas anglo-americana e anglo-saxônica, passando a ser o elemento-chave das agendas políticas de editoras nacionais e internacionais que publicavam esse tipo de escrita.

A editora-chefe da Edições GLS, Laura Bacellar, durante o lançamento da editora na Bial do Livro de São Paulo, em 1998, se coloca a respeito das questões acadêmicas concernentes ao gênero textual em que se insere a escrita *gay*. Ao selecionar as obras que seriam traduzidas para o português brasileiro e editadas pela Edições GLS, Bacellar afirma que “os critérios literários não foram predominantes. (...) Preferi as obras que apresentassem conteúdo não-ficcional prático e sem preconceito, ou obras de entretenimento com modelos de vida e consciência homossexual bem positiva” (Revista Cult, 2003, p. 51). Parece-me que o motivo que levou Bacellar a preferir esses tipos de obras literárias e não-literárias foi a necessidade de estabilização de práticas sociais *gays* do pós-AIDS no contexto nacional, como colocam Trevisan (2004) e Figari (2007). Embora já apresentassem certa visibilidade social, sobretudo após o advento da AIDS, essas práticas sociais sofreram, e ainda sofrem, azaques discriminatórios variados, uma vez que, segundo Trevisan (2004), tornaram-se, perante a sociedade brasileira, o fato gerador principal do contágio e disseminação do vírus HIV.

² Disponível em <http://www.iainyoungbooks.com/GayPbks/Paperbacks.htm> e acessado em 07/09/2005.

O surgimento da tradução de *Stud* no contexto brasileiro é, entre as outras obras de literatura *gay* traduzidas pela mesma Editora, uma espécie de marco que Laura Bacellar estabeleceu para mostrar a vida social *gay*, sobretudo a recuperação histórica das relações *gays* legatárias das décadas de 1960 e 1970 nos Estados Unidos, como uma forma de reinserção do homossexual masculino brasileiro no *continuum* histórico de sua própria comunidade.

Meu interesse por essa temática nasceu sobretudo de minha experiência em movimentos *gays* no Brasil com agendas políticas e sociais que defendiam, e ainda defendem, a *naturalização* dos discursos estereotipados a respeito do homossexualismo na sociedade heterossexual brasileira. O que se vê atualmente é uma tentativa do que eu denomino ‘desguetificação *gay*’, ou seja, a busca pela notoriedade por meio do abandono do confinamento espacial e social dos *gays* em locais privados, de modo a atingir o reconhecimento das diferenças e de viabilizar a convivência do contexto heterossexual com essas diferenças sem marginalizá-las.

Em um estudo interessante sobre o conceito de “Comunidade”, Bauman (2003, p. 105), sociólogo polonês, assim se expressa sobre a definição de “gueto”:

[u]m gueto (...) combina o confinamento espacial com o fechamento social: podemos dizer que o fenômeno do gueto consegue ser ao mesmo tempo territorial e social, misturando a proximidade/distância *física* com a proximidade/distância *moral* (...). (Ênfases no original)

Tendo em vista a definição de Bauman, não é novidade o fato de os *gays* terem de se confinar geralmente em bares e boates como locais “secretos” de manifestação de suas ações sociais cotidianas, o que caracterizou a cultura *gay* como a cultura do gueto. Vale reafirmar que, segundo Berutti (2002), a cultura *gay* atual encontra sua fundamentação histórica nos turbulentos anos 1960 nos Estados Unidos, principalmente com o ocorrido na noite de 27 de junho de 1969 no bar *gay The Stonewall Inn*, em Nova Iorque. Após um ano, com a intenção de comemorar a revolta nesse bar, a passeata do *Gay Pride* (“Orgulho Gay”) sai às ruas de Nova Iorque, estabelecendo, então, o marco histórico do aparecimento público dos movimentos *gays* nos Estados Unidos: os movimentos *gays*, portanto, se fortaleceram suficientemente para vir a público e constituir notícia. O episódio no *Stonewall*, segundo Berutti (2002, p. 28), “tornou-se emblemático na história dos Estados Unidos assim como na literatura, uma vez que foi igualmente transformado em um marco divisório na produção literária *gay*”.

3 Fixações da escrita

Alinhando-me com Berutti, dialogo também com Harvey (2000) quando este teórico dos estudos da tradução afirma que os leitores (*gays*) encontram na literatura homoerótica um local de representação de suas realidades cotidianas, por retratarem lutas e desafios parecidos com os que eles vivem. Em vista dessas ponderações, passo a discutir a representação sociocultural da dupla minoritização (*minoritization*) do sujeito *gay*, isto é, sua orientação sexual e sua afro-descendência nos contextos norte-americano e brasileiro, a partir da análise de dois excertos de um conto da obra *Stud* e de sua respectiva tradução. Interpreto a constituição discursiva desse conto como uma primeira tentativa de *outing* das manifestações homoeróticas que Steward privilegiou em sua obra. Nesse conto, intitulado *Two-Bit Whore*, o narrador Phil Andros relaciona-se afetivamente com um negro chamado Ace. Ambos vivem na cidade de Chicago, em um quarto de uma pensão nas periferias dessa metrópole. Ace, também um michê, não consegue clientes pelo fato de ser um *gay* “negro”. O confinamento espacial de Ace no quarto da pensão, com raras investidas frustradas no mercado da prostituição, situa-o numa posição de hibridismo social guetificado, conforme apontou

Bauman (2003). Ou seja, Ace é negro, gay e michê, três fatores identitários que o confinam no espaço e no tempo das lutas sociais minoritárias do contexto norte-americano dos anos 1960.

Um dos mecanismos de desapropriação desse local que Ace ocupa, imposto pela ideologia arbitrária da heterossexualidade (cf. Figari, 2007), é sua investida erótica sobre Phil Andros, seu namorado branco. Ace procura dominá-lo, prendê-lo às suas exigências sexuais, como podemos perceber no excerto a seguir³:

I shrugged out of my black leather jacket, thinking, “Oh, what the hell’s the difference?” Besides, I wanted to. And if I needed reasons or rationalizations, I could tell myself that I was helping Ace with his problems, helping him to feel bigger and better than his ole white buddy.

Eu me desvencilhei de minha jaqueta preta de couro pensando: “Que diferença faz, afinal?” além do mais, eu também estava afim. E se eu precisava de razões ou racionalizações, podia dizer a mim mesmo que estava ajudando Ace com seus problemas, fazendo-o se sentir maior e melhor que seu velho amigo branco.

O confinamento espacial em que se localizavam Ace e Phil Andros passou a ser o palco de disputas ideológicas cuja constituição imagética traduzia-se nas formas de apropriação do corpo de Phil Andros feitas por Ace. Vitimado ideológica e hegemonicamente pela cultura heterossexual e branca, Ace encontrava no domínio do ato sexual com Phil Andros o mecanismo de desapropriação dessa condição de abjeto, como posta por Butler (1993).

Outro mecanismo de desapropriação da dupla condição de imundície a que Ace estava sujeito, ou seja, gay e negro, está no processo discursivo de *nomeação*. Butler (1993) afirma que o caráter reiterativo dos enunciados performativos à construção do gênero social, cuja particularidade é renomear, recorrentemente, determinado indivíduo como homem ou mulher, bicha ou macho, entre outros, são construções de gênero reconhecidas e legitimadas social e culturalmente. Com base nessas ponderações, Butler acrescenta que o uso do termo ofensivo *queer*, para se referir a gays ou lésbicas, traz, em si, a força *citacional* imputada a ele pela historicidade pejorativa e discriminadora que esse termo tem recebido em um eixo temporal que remonta aos anos 1960. Um exemplo de *nomeação*, no contexto do conto sob análise, pode ser visto a seguir:

Do like I tell you, you white bastard,” he said. He was sweating. He reached for my belt but I unbuckled it quickly. He grabbed the top edge of my pants and peeled them down, and with one hand at the back of my neck forced me double over the foot of the bed. Then, with the smell of lint in my nostrils and the oversweet theatrical smell of the cold cream, I felt the incredible pain begin, and go on and on until with each jolt my eyeballs were producing red stars against the clenched black curtain of my eyelids and I thought the agony and the ecstasy would never come to an end...

Faça o que estou lhe dizendo, seu branco desgraçado – Ele estava suando. Tentou pegar o meu cinto, mas eu o desafivelei rapidamente. Ele agarrou as minhas calças e as puxou para baixo, e, com uma mão na minha nuca, me forçou a curvar-me sobre os pés da cama. Então, com o cheiro de algodão em minhas narinas e o doce e dramático odor do creme, senti a incrível dor começar e crescer até que a cada impacto minhas órbitas oculares começaram a produzir estrelas vermelhas de encontro à cortina preta de

³ Os excertos serão apresentados no original e em sua respectiva tradução.

meus olhos fechados, e eu pensei que a agonia e o êxtase não fossem jamais chegar ao fim...

A nomeação “you white bastard” / “seu branco desgraçado” carrega semanticamente a constituição discursiva de Ace como representação social do racismo da década de 1960 nos EUA, que paradoxalmente reverte o papel de dominado para dominador durante o ato sexual. No excerto, Phil Andros, a representação da cultura branca, subjuga-se, permite-se, apassiva-se, ao passo que Ace, construção corpórea e identitária do abjeto, domina, comanda, atua.

A tradução representa as mesmas relações de dominação, embora em contextos socioculturais distintos. O impacto de *Stud* no Brasil permite reinterpretar os posicionamentos ideológicos da conduta *gay* da vida cotidiana, paralelamente às questões raciais que, no cenário nacional pós-moderno, são mais camufladas. Nesse sentido, a tradução de *Stud* recupera a cultura afro-brasileira como formação da *outridade*, do externo que se insere na cultura nacional, num processo de hibridização representativa, como bem colocou Spivak (1988). O negro *gay* da afro-brasilidade é o *Adé* do candomblé, que incorpora múltiplas identidades que se misturam à sua, no transe sagrado que questiona o profano, isto é, onde o sagrado e o profano se mesclam e convivem em (des)harmonia. A obra *As Aventuras de um Garoto de Programa*, apesar de ser uma narrativa ficcional, tal qual seu original, representa discursivamente realidades que se formam na dialética híbrida de sujeitos sociais em constante mudança, em busca incessante de novas constituições de si mesmos e do outro. É a metamorfose dialética entre gênero social e etnia.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BERUTTI, E. B. Voz, olhar e experiência *gay*: resistência à opressão. In: Santos, R. & W. Garcia (orgs.). *A escrita de Adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbicas no Brasil*. São Paulo: Xamã, 2002. p. 23-32.

BUTLER, J. *Bodies that matter: on the discursive limits of sex*. London & New York: Routledge, 1993.

FIGARI, C. *As outras cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro séculos XVII ao XX*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

HARVEY, K. *Gay community, gay identity and the translated text*”. *Traduction Terminologie Rédaction: Études sur le Texte et ses Transformations*, v.13, n. 2, p.137-165, 2000.

MIGNOLO, W. D. & F. Schiwy. Transculturation and the colonial difference: double translation. In: Maranhão, T. & B. Streck (orgs.). *Translation and Ethnography: the anthropological challenge of intercultural understanding*. Arizona: The University of Arizona Press, 2003. p. 3-29.

PRESTON, J. Introduction. In: Andros, P. *Stud*. Boston: Perineum Press, 1982. p. 9-15.

REVISTA CULT. *Literatura gay: bandeira política ou gênero literário*. Ano IV, fev. 2003, São Paulo.

RODRIGUES-JÚNIOR, A. S. *A representação de personagens gays na coletânea de contos Stud e em sua tradução As Aventuras de um Garoto de Programa*. Tese de Doutorado. 255ff. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

SMITH, B. Homophobia: why bring it up? In: Ablove, H., M. A. Barale & D. M. Halperin (orgs.). *The lesbian and gay studies reader*. London & New York: Routledge, 1993. p. 99-102.

SPIVAK, G.C. Can the Subaltern Speak? In: Nelson, C. & L. Grossberg (orgs.). *Marxism and interpretation of culture*. Basingstoke: Macmillan Education, 1988. p. 271-313.

TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 6ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Autor(es)

¹ **Adail Sebastião RODRIGUES-JÚNIOR, Prof. Dr.**

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Departamento de Letras

adail.sebastiao@terra.com.br